

O Quarto de Número 200

Lucas Zanella

O grande hotel continuava escuro e silencioso. Fazia um bom tempo desde que Marcus Male entrara lá; encontrava-se em seu local habitual, encolhido num canto, choramingando.

O hotel não era comum e certamente botaria medo em qualquer um que entrasse lá, mas nem mesmo Marcus sabia como entrava, nunca soube. Sua memória ficava meio atordoada nas primeiras horas. Era quase sempre uma dificuldade grande levantar-se, pois as pernas estavam sempre bambas, como se ele tivesse ficado encolhido e deixando-as paradas por todo um ano.

A parede ao lado era sólida, embora parecesse até mesmo inexistente por conta da completa escuridão; apoiou-se nela para subir e continuou a confiar seu equilíbrio a ela quando começou a dar passos leves, lentos e cuidadosos, como se não quisesse pisar no piso de madeira e cair no andar inferior. Marcus estava num pequeno quarto e, embora não visse nada, sabia que o lugar para onde deveria ir ficava do outro lado do hotel.

Para uma pessoa comum, andar até lá seria moleza, mas ele estava fraco. Sentia-se como se estivesse tendo

sua força vital sendo sugada por um aspirador de pó demoníaco. Quando a visão se acostumou às trevas em que se encontrava, percebeu que nada mudara desde a última vez que estivera ali.

Não apenas o braço continuava a doer tanto quanto uma ferroada, mas pisava sobre as mesmas tábuas marrom envernizadas que pisara da última vez. A parede era cinza clara e completa; ao redor, nada a não ser um vão que levava para outro local. Não havia nenhuma janela a ser aberta, nunca houve janela alguma. Mas, se o local era fruto completo de sua imaginação, por que não imaginava umas? Bom, pensou ele, talvez porque não queira ver o que há fora do hotel.

O barulho do vento era nulo, mas alguns passos rápidos e miúdos podiam ser ouvidos se ele prendesse a respiração e apurasse os ouvidos. No geral, as arfadas dele eram a única coisa que ouvia, pelo menos quando estava parado.

Dava um passo para frente e todo seu peso parecia ter sido transferido para a perna que tornava a botar no chão; a madeira gritava e o som ecoava por toda a vasta

imensidão que não era nem mesmo possível distinguir.

Estava no andar inferior, precisava subir ao de cima, era lá onde estavam as portas. Sim, enquanto andava pelo que parecia ser um corredor de um quilômetro, as paredes ao seu lado permaneciam completas, sem nenhuma falha que nevava a um outro quarto. Era patético que ele tivesse claustrofobia, era o mesmo que um palhaço que tem medo de risadas, ou uma criança de circo que tem medo de palhaços; simplesmente deveria estar acostumado.

Mesmo tendo isso em mente, não podia deixar de arfar ainda mais rapidamente enquanto andava. Tinha a sensação de que as paredes se fechavam ao seu redor, de que o teto descia e estava prestes a esmagá-lo como se fosse um inseto insignificante que encontrou passagem para o local através de uma brecha numa porta.

Com a única exceção de que não haviam portas ali, em lugar algum. Eram praticamente sagradas. As únicas estavam no andar superior, esperando por ele. E era até mesmo um ritual que tivesse de passar pela errada antes de entrar na real.

– Não! Não! Não! Não! – ele gritava e puxava o maltratado cabelo castanho que lhe batia nos ombros para mais perto do rosto, buscando conforto em suas mechas sujas, duras e grossas.

Chegou, por fim, num outro quartinho; poderia ser o mesmo em que estava no outro lado, com a única exceção de que lá jazia uma escada em espiral que levava para o andar superior. Este, Marcus percebeu ao encará-lo respeitosamente do andar inferior, parecia ser um tom mais escuro do que a própria escuridão.

Se se aconchegava nas trevas, o andar acima era a representação do próprio quarto negro e assombroso do Diabo em pessoa. Ele puxou o cabelo novamente e roçou-o nas bochechas magras pela falta de comida boa e gordurosa.

Os rangidos da escada de metal pareceram perder-se no corredor apertado por onde acabara de passar. Escorregava a mão no corrimão e podia sentir a mudança de textura ao passá-la por uma parte oxidada. Quando chegou no andar superior, voltou a encarar um corredor negro e vazio, agora já começava a sentir-se tonto, apenas

um breve movimento como o levantar das pernas para subir um degrau fazia seus olhos girarem na órbita.

Cambaleou por alguns segundos, até que vomitou num canto da pequena sala em que estava, tal qual a de baixo. Encarou logo em seguida o fim do corredor e a cessação da escuridão lá no fundo, onde havia uma lâmpada de teto branca que iluminava duas portas, praticamente coladas uma na outra pelo apertado corredor.

Ele andou e continuou a cambalear pois o peso do corpo não estava decidido em qual perna ficar; batia nas paredes constantemente, como se fizesse parte do ritual que tão vividamente perdurava em sua cabeça. Quando finalmente encontrou a luz branca, fitou-a como se buscasse respostas para a sua jornada, mas tudo o que viu foi um pedaço de vidro que o cegava.

Tirou os olhos daquela coisa, mas já era tarde demais, uma bola de luz agora pairava a sua frente. Primeiro, viu a porta branca à sua esquerda, que mostrava o número 200 em um dourado bonito e digno de um hotel de luxo. Pensou em abrir a porta logo de cara, mas sentiu um aperto nos pulsos e nos pés.

A outra porta não tinha numeração, era apenas uma madeira branca e limpa sobre as tábuas marrons que refletiam a luz da lâmpada acima. Um ponto luminoso em toda a escuridão, mas ele sabia onde aquela porta levaria, e ela o aguardava. Empurrou-a sem esforço, já estava aberta e semifechada.

Um murmúrio, soou como um “lá vamos nós”, mas Marcus não teve como falar em uma voz mais alta. Abrir a boca exigia força demais.

O quarto sem número era um pouco grande e, bem distribuídas nele, nove portas estavam em pé, sem possuírem suporte algum. Acima de cada, uma lâmpada similar àquela do corredor iluminava apenas a porta em questão. Teria de abrir todas e então estaria livre para voltar à sua tormentada realidade.

Antes de tudo, circulou por todas elas, demorando de propósito. Quando voltou a frente da porta de entrada do quarto, suspirou e tentou pôr a mão na primeira. Antes, puxou a manga de suas longas vestes brancas, que lhe cabiam como se fossem feitas para um gigante. Com as mãos coladas ao corpo, as mangas chegavam ao joelho.

Girou a maçaneta e empurrou a porta como se fosse um objeto de desprezo. A porta, entretanto, não levava para o outro lado do quarto, mas sim a um corredor bonito e muito bem iluminado. Ultrapassou o portal e logo de início tornou-se observador da cena que se desenrolava em frente aos seus olhos.

– Qual dessas você acha melhor? – uma voz firme e, de certa forma, bonita falou.

– Hum... Azul, combina melhor com a camisa de baixo – respondeu uma outra voz, serena e feminina.

Não precisou andar muito no corredor para ver os donos das vozes. Antes, Marcus olhou para trás e notou que a porta por onde entrara mesclara-se com a de entrada da elegante casa em que se encontrava.

– Onde é que os pestinhas estão? – perguntou o Marcus bonito cuja gravata era arrumada pela mulher.

– No quintal – respondeu sorrindo. – Ana quer muito que você vá à peça dela hoje à noite.

– Ah, e ela sabe que eu quero ir. Mas preciso ter certeza de que a reunião está para acabar antes de ao menos pensar em sair dela.

A mulher loura de cabelo curtíssimo agora emparelhava o cabelo do marido. Ela vestia uma roupa casual, enquanto ele usava um terno bonito e cinza escuro e segurava uma maleta preta.

– Viu o desenho que ela fez? – perguntou a mulher.

– Não, onde está?

Ela o levou para um outro cômodo, logo ao lado, era a cozinha e ambos fitavam algo preso à geladeira. Quando Marcus se aproximou, notou que era um desenho de quatro pessoas, uma mãe, um pai, um irmão e um “eu”, Ana.

Sobre uma bancada junto ao fogão, o real Marcus notou um calendário que mostrava o mês de fevereiro e um círculo vermelho no dia 18. Talvez agora tivesse entrado naquele mesmo dia, pois o resto do mês estava em branco, era sem importância.

– Ela desenha melhor que eu – Marcus falou sorrindo e ajustando os bolsos do colete.

– Graças a Deus ela herdou sua arte de mim, não? – ela riu e beijou o marido assim que ele se virou para vê-la.

A porta atrás dos dois deslizava para o lado e o som

era quase imperceptível. Uma garota loura entrou correndo, usava um vestido florido. Logo detrás dela surgiu um garotinho talvez um ou dois anos mais novo que usava um macacão azul e seu cabelo era castanho como o do pai.

– Papai, eu lhe trouxe isso – a garotinha levantou para cima uma margarida de pétalas amarela. O pai agachou-se e encarou a flor que lhe era esfregada na cara ansiosamente.

– E para que? – ele perguntou tirando a flor das mãos da filha com prazer.

– Para dar sorte na... – ela pareceu buscar uma palavra que não conhecia.

– Na neulião – o garotinho completou e a irmã assentiu feliz.

– Ah, que bom, eu vou sim precisar de sorte. Vou botá-la bem aqui, juntinho do coração – guardou-a num bolso interno do paletó.

Ele deu um beijo na bochecha da garota e outro na do filho, que pareceu envergonhado, mas aquele Marcus não ligou. O Marcus verdadeiro, porém, puxou apenas

umas mechas do lado esquerdo do rosto para esfregar no rosto.

Visivelmente enfurecido, ele andou em direção a porta e fechou-a assim que voltou a sala escura. Seus olhos o traíram e sentia-se num local que nunca estivera, acostumara à luz daquela cozinha. Assim que voltou a enxergar, notou que aquela porta parecia esvanecer, mas não por completo. Como se estivesse presa no meio de uma transição de visível para invisível. Ele visitara aquela, restavam oito.

E duas das restantes eram inúteis, não mostraram uma possibilidade de vida que ele julgava interessante. Nada acontecia, nada que lhe fizesse sentir algo, eram monótonas, mas não significava, para ele, que eram desprezíveis. O que ele não daria por uma daquelas vidas monótonas...

Ele abriu uma outra porta, esta ficava no canto, escondida ao fundo, como se estivesse evitando ser encontrada. Abriu-a sem medo e entrou com veemência, viu a porta misturar-se a de um pub e pessoas saíam dela, mas não vinham da sala escura. Era como se estivessem

atravessando um pano; por um segundo, a imagem da sala escura se desfez em fumaça e brevemente viu o pub que está instalado no estabelecimento, as pessoas saem como fumaça e tornam-se sólidas na medida em que chegam a calçada dura.

Era muito movimentado, o barulho das buzinas ensurdecia Marcus e ele se agarrava às orelhas com medo de que lhe fugissem do controle. Carros de todas as cores e marcas corriam como jatos na estrada, e táxis paravam para recolher passageiros. Os prédios, alguns eram de vidro e mostravam lá dentro algumas pessoas trabalhando apesar da hora; outros mostravam apenas grandes imagens de produtos e nomes de companhias. Marcus, com um vislumbre, capturou a imagem do pôster de um filme, “Capturador de Almas”, que mudou rapidamente para outro, que mostrava em letras cursivas, mas legíveis: “Rastros Vermelhos”.

Seu olhar caiu, então, no outro lado da rua. Atravessou-a sem mudar a posição dos olhos e seu corpo de desfazia em fumaça e voltava a ficar aparentemente sólido assim que um carro lhe atingia.

– Um real para esse pobre homem? – pediu o Marcus que se parecia ainda pior que o verdadeiro. Suas vestes eram sujas e rasgadas, claramente achadas em uma caçamba de lixo; o cabelo era mais escuro e descia até sua escápula, também tinha uma barba consideravelmente longa.

O homem de terno para o qual pediu esmola ignorou-o e o real Marcus sentiu pena daquele que estava diante de si. Sabia muito bem como era pedir, até mesmo implorar por algo e nem mesmo ser ouvido. Viu a vergonha se estampar naquele rosto, agora todo rasgado por cicatrizes; também viu a repugnância nos olhos daqueles que passavam e olhavam-no, embora a maioria apenas seguisse seu caminho como se não tivessem ouvido e visto nada.

O horrível Marcus tossiu e pôs a mão na boca, ao tirá-la notou sangue, que foi esfregado em seu casaco já com uma parte manchada dele.

Fechou essa porta com ferocidade e fitou-a a fim de vê-la ficar semitransparente.

A próxima porta imitou ser a de entrada para algo

que deveria ser a parte traseira de um restaurante, ao julgar pelos restos de comida descartados numa lixeira próxima. O falso Marcus passou pelo verdadeiro em passos rápidos, o cabelo curto e um sorriso singelo no rosto. Não usava roupas de luxo, mas vestia-se melhor do que o verdadeiro: usava um jeans azul-claro e uma camiseta branca muito limpa.

– Dê-me – ouviu uma voz falar atrás de si quando apressou o passo para acompanhar o seu outro *eu*.

Os dois giraram ao mesmo tempo, notando o homem que empunhava um canivete preto; o cabelo era curto e louro alaranjado, suas roupas eram boas, mas antigas e ele coçava muito o nariz. Os olhos petrificados em Marcus, com grandes sacolas vermelhas logo abaixo deles, também suava bastante.

– Que é isso? – perguntou sem medo na voz.

– Dê-me o que roubou e poderá sair, apenas dê-me o relógio. Sim? – ele pediu agitado, tremendo o canivete.

– Que relógio? – insistiu em fazer-se de desentendido.

– O QUE VOCÊ ROUBOU... daquele velho, que nem percebeu. Me entregue o relógio ou eu vou tirar a força – ele falou e o tom de sua voz mostrava que não estava brincando.

Marcus demonstrou a primeira pontada de medo em algum tempo já.

– Você percebe que estamos ao lado de um restaurante, não? Há câmeras em todo lugar, e elas não gravam o som. Então, basicamente, você será visto como ladrão e eu, a vítima.

Os olhos do assaltante esquadriharam as paredes próximas, a procura das tais câmeras de segurança. Devia saber que aquilo não era blefe, mas queria vê-las por si mesmo. Olhou por trás do ombro e quando voltou seus olhos para o homem que assaltava, ele já estava alcançando a esquina.

Mas era rápido e correu como um cachorro quando avança para buscar a presa que seu dono matou. O real Marcus acompanhou toda a cena.

– Indo a algum lugar? – perguntou o assaltante, puxou o outro pelo ombro e arrastou-o para as sombras

novamente, onde deu diversos socos com a mão direita, da qual tirara o canivete agora a pouco e passara para a mão canhota.

– Não, só queria dar uma passeada – retorquiu Marcus, sendo estúpido. Mas deu uma breve risada antes de levar um soco e perder dois dentes que não viu onde caíram.

Tentou revidar, mas já fora atingido demais; deu um soco no ar e recebeu um punho fechado no rosto. Logo depois sentiu penetrar em seu estômago algo gelado, como até o real Marcus sentiu. O ladrão não parou por aí, empurrou Marcus novamente para as sombras e ele bateu contra a parede, continuou a der-lhe facadas no estômago, e seu rosto estava inundado de prazer. Ao vê-lo, o real Marcus sentiu vontade de vomitar, mas não o fez.

Mesmo que sua mente quisesse, ele não conseguiu tirar o pé dali antes de o homem terminar o serviço: ainda com o canivete cravado no peito de Marcus, jogou-o no chão e retirou dele tudo o que tinha, o relógio que roubara e os vinte reais que haviam na carteira.

Tinha quase certeza de que a porta localizada

exatamente no centro da sala mostraria algo bom, mas não. Ele não precisou nem mesmo entrar, contentou-se em observar ali da porta, dava para ver todo o apartamentinho em que seu outro *eu* morava: minúsculo, com apenas uma cama de solteiro e baixa, uma mesa e um banco. O que se passou a seguir, Marcus reconheceu, foi horrível, mesmo para os padrões do que via atrás daquela porta.

O homem escolhera a pior forma, como um perdedor. Não deveria possuir dinheiro para tentar outra coisa, mas aquele processo seria lento e doloroso, no mínimo. Mas ele não pareceu se importar, pois havia paz em seu rosto iluminado por uma vela bruxuleante que fora posta à mesa. Não escreveu carta nenhuma antes de subir no banco e pôr a corda em seu pescoço, mas também, não parecia possuir ninguém.

O real Marcus fechara os olhos no instante em que percebeu que o outro sucedera, chutara o banco e o barulho foi ouvido, assim como os gemidos abafados de agonia. Fechou a porta silenciosamente, como que para não atrapalhar.

A casa não parecia ser a mesma quando entrou por

outra porta, mas o casal certamente era. Os gritos podiam ser ouvidos do primeiro andar, que era muito pequeno. Marcus real subiu seguindo o som de sua própria voz enfurecida.

– Como assim não sabia quem ele era? – explodiu o seu outro *eu*, nem um pouco parecido com o homem que antes vira com aquela mesma mulher.

– Ele apenas pediu para entrar e disse que queria falar com você. Eu disse que poderia entrar e beber uma água, se quisesse, e que eu o chamaria. Não tenho culpa se *ele* era o tal do Alberto, você nunca me falou como ele se parecia.

– Sua idiota – vociferou e deu um chute na cama de casal simples que ali estava.

– Talvez... Talvez se eu falar que me enganei e que pensei que estivesse falando de outra pessoa ele...

– Ele não é tão imbecil quanto você para acreditar numa história dessas – Marcus afastou a mão e deu um tapa no rosto da mulher, o som podeira ter sido ouvido por casas vizinhas de tão alto que saíra.

Ela caiu no chão, chorando e agarrando o lado

esquerdo do rosto, sua voz engasgava na saliva que preenchia sua boca e não conseguia sair.

– Apenas deixou-o entrar porque estava num terno, não é? Apenas porque mostrava ser rico! – não parecia ser uma pergunta.

– Não, não, não. Eu não sabia – disse com dificuldade, ainda sentada no chão e seu rosto agora mostrava uma marca da mão de Marcus.

– Só o deixou entrar... – agarrou a mulher pelos cabelos louros e bonitos e puxou-a para cima, ela gemeu. – Porque achou que talvez, já que esse idiota não deu certo, talvez aquele valesse a pena. Queria dar pra ele e ver se a tiraria daqui!

– Eu juro que não, Marcus, eu juro que não! – implorou.

– E então, Flávia, que foi que Alberto disse? Vai levá-la como sua puta particular? – gritou bem no ouvido da moça e jogou-a contra uma escrivaninha que parecia ser usada como penteadeira, havia um espelho sobre ela, que balançou e caiu no chão.

Ela continuou a chorar, agora se agarrando mais a

cabeça, que devia latejar com o repentino puxão.

– Vadia! Eu sabia que não deveria ter me casado com você, mudado-me para cá, deveria ter aceitado aquele emprego que me ofereceram, mas não... Você não sabia inglês e tinha medo de ir para lá, que era mais perigoso. Então eu fiquei, provavelmente hipnotizado pela boceta que parece oferecer a todos – atirou-a contra o chão e seu rosto já cortado por lágrimas começou a sangrar por conta do contato com os milhares de cacos de vidro.

Marcus andou até ao lado da cama e chutou-a mais uma vez, olhou para a esposa e ela permanecia onde ele a deixara. Puxou de uma gaveta um revólver que parecera ter sido lixado.

Quando chegou perto dela, a janela atrás de si, tudo o que se ouviu no quarto foi um grande grito.

– Não! – urrou o real Marcus e atirou-se contra a sua cópia, mas passou direto por ele e saiu pela parede como se fosse um fantasma. Então, caía de algum andar aleatório do prédio em que estava.

Quando deu por si, estava de volta em frente a porta, o coração tremendo na caixa torácica. Apanhou a

maçaneta com força e puxou-a para fechá-la, mas ela não conseguiu reprimir o som do tiro e do grito feminino.

Ele, então escorara-se nela e se sentara no chão, arfando tanto que pensava que poderia acabar com o ar de todo o ambiente em pouco tempo. Faltavam duas portas, mas agora sentia um pesar em seu peito, talvez até maior do que o pesar no peito do Marcus que fizera o *aquilo* de uma porta atrás.

Por um segundo, ao passar pela penúltima porta, achou que tivesse se enganado. Mas não, era uma situação diferente, embora a casa parecesse ser a mesma da família feliz a qual visitara portas atrás. Mas não havia nenhum som de vozes felizes, apenas do vento que batia nas janelas e alguns breves latidos de um cão que estava ao longe.

O primeiro andar estava vazio, e o calendário que antes vira fora movido para a mesa de jantar, agora mostrava o mês de dezembro, mais desenhos se juntaram ao que antes estava preso à geladeira. Sobre todos eles, havia um bilhete com uma letra rabiscada rapidamente.

Jaqueline, obrigada por poder incluir-nos na sua agenda. Marcus foi avisado apenas ontem sobre uma festa que haveria na empresa por conta daquele contrato do início do ano. Então, como ele era a causa principal para a tal festa, não havia como evitar. O pagamento nós já deixamos debaixo do calendário, para os pestinhas não pegarem escondidos e está tudo bem caso ainda precise sair antes das dez horas, provavelmente voltaremos em uma meia hora e creio que, se deixados na frente da televisão, talvez nem mesmo perceberão que saiu. Mas, claro, talvez a essa altura eles já estarão dormindo.

Lamentamos não poder lhe dar instruções pessoalmente, mas Marcus recebeu uma ligação agora a pouco e já está se arrumando o mais rápido que pode, parece que deveria chegar um pouco mais cedo e já está atrasado. Qualquer inconveniência, ficaremos felizes em pagar-lhe a mais na próxima vez, para compensar.

Flávia.

O relógio ainda marcava nove e quarenta, então todos deveriam estar no segundo andar. A televisão pôde ser ouvida num volume baixo, os sons eram de algum desenho infantil. Marcus empurrou uma porta e viu o

quarto do casal, estava vazio. A outra porta empurrada era a do banheiro e a que ficava mais a fundo no corredor do segundo andar era a do escritório.

Algumas gavetas estavam abertas e grande caixas azuis caídas no chão, delas saiam papéis diversos. A sala estava toda destruída, até o gabinete de um computador fora esmagado. As dobradiças da porta estavam um pouco fora do lugar, mostrando que ela fora arrombada.

E então Marcus abriu a última porta de um quarto que ainda não vasculhara, o quarto das crianças. E embora o choque fosse imenso, não conseguiu fechar o olho.

Parada perto da porta estava caída no chão a garota que deveria ser Jaqueline, uma das mãos indicava que ela tentara fechar a porta antes de ser morta. Sobre a cama, abraçados e com rostos aterrorizados, estavam as duas crianças que Marcus antes vira. O quarto mostrava que ali também houvera uma vasculha, enquanto a televisão ainda mostrava desenhos.

– Você sempre precisa contar aquela piada? – perguntou Flávia do andar inferior.

– O que? O diretor simplesmente adora, embora até

eu ache sem graça – o falso Marcus fechava a porta enquanto o real descia as escadas sem expressão no rosto.

– Você realmente ainda não percebe que ele só ri porque sabe que algum dia você é quem estará no lugar dele? O coitado só quer ter certeza de que você vai ao menos dar pra ele um trabalho bom em um setor menor depois que o presidente te promover.

– Bom, mesmo assim, até lá é *ele* quem decide no que eu vou trabalhar. Até então, ele é quem tem o poder sobre mim.

– Por favor, se ele tentasse te demitir o presidente iria arrancar-lhe a cabeça e cravar numa estaca pra mostrar a todos o quão errado ele estava – falou Flávia enquanto Marcus retirava-lhe o casaco para colocar sobre um cabideiro e dava-lhe beijos no pescoço, ela ria. – Pare, isso faz cócegas.

– É justamente por isso que eu ainda faço – ele disse virando-lhe e dando um beijo na esposa.

– Parabéns, senhor Male – ela disse com ternura.

– Obrigado, senhorita Male.

– Por favor, eu já sou senhora.

– Não, não é não. Para mim, sempre será srta. – falou agarrando-se um pouco mais, ela pôs sua cabeça no peito do marido e sorriu sem ele ver.

– Será que ela já foi? – perguntou Marcus após algum tempo incerto.

– Não sei, talvez eles já tenham dormido e ela tenha ido para se arrumar. Eu, pelo menos, com certeza não gostaria de te deixar esperando na frente do cinema.

– Vai lá em cima ver, eu vou preparar alguma coisa para comer, pois nem mesmo encostei naquele camarão.

– É, eu percebi. Faça algo para mim também, eu continuo com fome.

A porta bateu atrás deles, mas era impossível saber se ouviriam ou não. O real Marcus presumia que nem perceberiam, embora ele mesmo não sabia se suas vidas continuariam depois do fechar da porta.

De todas aquelas vidas que ele viu, parecia que nenhuma fora feliz. Ele estava destinado a ser um completo fracasso e deprimente sempre, como se fosse algo posto em seu DNA. Mas é claro, não entrara lá esperando ver boas vidas, com pessoas sorrindo cá e lá.

Ele voltou para a porta da sala e tentara abri-la, mas não parecia conseguir. Estava trancada. Apenas então ele notou, no canto do olho, a última porta sendo sugada pela escuridão ao seu redor. Ela não era iluminada por nada, mas a sala não o deixaria sair dali antes que ele a visse.

O que significava aquela falta de luz e tentativa de não ser vista? Ele não conseguia entender se seria porque era terrível demais ou a felicidade absoluta. Ou se, então, a sala apenas não queria que fosse vista.

Ele sentiu seus pulsos e tornozelos doerem mais, como se algo os apertasse. Mas não havia nada senão as longas mangas brancas. Empurrou a porta e tudo o que viu foi uma rua escura, com apenas um poste de luz que ainda funcionava e que ficava ao longe; tudo era iluminado por uma lua muito grande.

Entrou naquela nova vida e teve um sentimento estranho, não lhe parecia ser o presente que poderia ter tido, mas sim... um futuro. Como se ainda fosse algo possível, talvez apenas uma das tentativas do quarto de lhe dar um gosto de esperança.

Marcus andava na rua despreocupado, seu outro eu

ainda não aparecera e talvez nem mesmo fosse. Aquele lugar, ele não conhecia. Tomou seu tempo para estudá-lo com atenção, tentando tirar da mente a sensação estranha que sentia.

Havia uma lata de lixo prateada e com relevos verticais. Logo ao lado um outro beco; completamente escuro, não conseguiu ver nada do que estava lá, até mesmo tentou penetrá-lo um pouco e não sentiu nada atrapalhando seu caminho, mas viu ao longe uma outra rua, um pouco mais movimentada. Entretanto, pareceu-lhe o local errado para prosseguir.

Continuou, então, na rua principal. Continuava deserta e apenas mostrava casas com grandes árvores por perto e mato que saía pelas fissuras no concreto da calçada. A rua ao lado era de pedras.

Chegou, então, no poste de luz que funcionava. Achou que algo aconteceria e veria seu outro eu, até mesmo debruçou-se sobre um muro para espiar o quintal traseiro de uma casa ao lado, mas nada viu. Apenas notou, muito mais ao longe, mais carros se movendo em algo que deveria ser uma avenida. Era muito noite, Marcus notou,

pois se não fosse ao menos algumas das lojas do outro lado da rua levemente visível estariam abertas.

Um longo som de colisão cortou o ar e, depois de perceber que não fora nenhum carro, Marcus olhou para trás e viu seu outro eu correndo em sua direção. O outro Marcus era idêntico ao real, até mesmo nas roupas e cabelo. Como? Sempre, até aquele momento, vira Marcuses completamente diferentes.

O desastrado Marcus tombou com a lata de lixo e assim que se levantou começou a correr, alguns seguranças apareceram em frente a porta pela qual saía. Eles possuíam na mão pequenas varas petras. Ambos, então, jogaram-nas para baixo ainda mantendo suas mãos firmes nos objetos que se tornaram batões; da ponta deles saíam faíscas azuis nada amigáveis.

Dispararam contra o outro Marcus, que nem mesmo olhava para trás para saber em que ponto seus perseguidores estavam. Quando passou ao seu lado, o real Marcus começou a correr junto da sua duplicata.

Lágrimas de felicidade cortavam o rosto do falso enquanto se aproximavam da avenida. Antes mesmo de

pôr o pé na calçada bonita e iluminada por um poste, ele foi agarrado pelos ombros e arrastado de volta à escuridão.

Jogaram-no na rua de pedra, que, agora percebia, não deveria nem mesmo ser uma rua. Ela era bloqueada por um prédio comercial antes mesmo de chegar perto da avenida. Um dos seguranças se aproximou e bateu no falso Marcus com o bastão que soltou faíscas maiores e azul avermelhadas. Ele gritou de dor.

– Não! – implorou no meio de um berro.

– Talvez da próxima vez não vai se empolgar com a troca de lençóis, huh? – perguntou o segurança dando outra batida nas costas de Marcus, que se encolhia no chão choramingando. O som de eletricidade pareceu maior dessa vez.

O homem agarrou-o pelo braço e levantou-o com força. Ele fora empurrado pelos dois seguranças de volta para dentro da porta de onde saíra, sendo engolidos por uma fumaça que mostrou brevemente uma parede branca com o quadro de uma mulher bonita com o dedo na boca e a palavra “silêncio”.

O real Marcus fez uma tentativa de seguir os três,

mas não foi engolido pela mesma fumaça, apenas voltou para o quarto que agora o deixaria partir dali. Sentiu, então, uma picada no braço. Significava que estava recuperando os seus sentidos.

A porta o deixou sair de lá e então ele encarou o quarto 200, era para lá onde iria para se recuperar. Marcus abriu a porta e o que viu era um quarto escuro, uma lâmpada presa a um teto perdido na escuridão iluminava uma cama de metal com lençóis e travesseiro brancos. Como sempre, sentou-se nela e deitou-se.

Era dura, como sempre fora. O travesseiro não era macio e ele sentia como se tivesse deitado numa pedra. Fechou os olhos e novamente sentiu uma dor nos pulsos e pernas; o aroma no ar era doce e enjoativo, como se tivessem posto veneno junto de uma água cheia de açúcar. Quando abriu os olhos novamente, estava em um lugar completamente diferente, embora a sensação de vazio e escuridão ainda fosse a mesma.

Era preso na cama em que se deitava por amarras que lhe doíam bastante. Ao seu redor, não havia nada além de uma janela no topo da parede e um piso xadrez. A cama

ao lado estava vazia e ele estava sozinho, como sempre estivera.

Perto da cama estava uma grande mesa com rodas de metal, mas não havia comida ali, já fora levada pela mesma pessoa que o vigiara enquanto comia.

Então seu nariz começou a coçar, como sempre acontece depois que acorda, mas não poderia acabar com isso. A morfina que lhe deram saía de seu corpo completamente e, no momento, estava muito bem acordado e a par de seus sentidos. Mas não por muito tempo, sempre voltavam para outra dose minutos após acordar.

– Marcus Male – anunciou uma voz feminina e uma mulher em branco, enfermeira, entrava pela porta. Ele fechou os olhos rapidamente.

A mulher depositou sobre a mesa de metal três coisas, deveria ser a ficha de Marcus, o frasco com a droga e a seringa, ouviu-se o barulho das rodinhas se arrastando pelo chão liso do quarto grande.

– Hum. Ainda dormindo, então. Bom, vamos garantir que continuará assim até que saia para o pátio...

– Ei! – falou um homem com sotaque americano. –

Que está fazendo aqui?

– Meu trabalho – respondeu sarcasticamente a enfermeira.

– Não, não. Agora é hora de trocar lençóis! – brandiu o outro serviçal.

– Como assim? Ah, eu estou uns cinco minutos adiantada. Vai me dizer que é por isso? Tudo bem, troque.

– Ele ainda dorme, não?

– Sim, os efeitos da morfina de antes não devem passar por mais uma hora.

– Então me ajuda a levar ele pra cá, Manuel não veio para segurar.

Marcus sentiu duas pessoas mexerem nos dois lados de seu corpo, primeiro desatavam seu pulso e depois partiram para os pés. A mulher, ele pôde notar pois carregava os pés que escorregavam, teve mais dificuldades em levá-lo da cama e levá-lo para a outra. O homem, porém, nem mesmo se importava com o corpo e apenas jogou-o enquanto ela teve mais cuidado.

Resolveu arriscar e dar uma espiada ao seu redor, o

homem americano trocava os lençóis de sua cama enquanto a mulher observava-o. A porta estava aberta e mostrava uma parte do corredor.

E se aquela última porta não estivesse mostrando uma possibilidade tão fora do comum assim? E se aquele fosse um futuro ainda possível? Mas... de que adiantaria, se o pegariam de qualquer maneira. Naquele local, ele receberia tratamento diário. Embora, é claro, soubesse que já estaria muito melhor se não estivesse ali.

Nem mesmo se lembrava da razão daquilo tudo. Não sabia nem mesmo quantos anos haviam passado desde a última vez que olhou para um calendário real. Fazia, o que, uma semana desde que tomara um banho?

Foda-se, ele concluiu.

Se fosse para sentir a real calçada sobre seus pés, por que não? Mas talvez... ele tinha uma vantagem sobre o seu outro *eu*.

Levantou-se e correu silenciosamente até o corredor, então disparou para a outra ponta dele, sem nem mesmo saber para onde deveria ir. Talvez fosse isso, aquela porta, fosse mesmo um falso gosto de esperança

que quisera passar. Mas agora já era tarde demais, já estava lá.

Preso ao teto havia uma televisão finíssima que mostrava fotos de pessoas felizes num jardim que Marcus reconheceu como sendo o que estava na frente do hospital. Em nenhum momento, sob hipótese alguma, viu pessoas tão felizes daquela maneira na frente do hospital.

Ele viu preso a parede um quadro que dizia “silêncio”, havia uma porta logo a sua frente, como se dissesse o aviso a todos que passavam por ela. Ele sabia que era lá onde deveria ir. Puxou com força o trinco e ouviu um estalido de ferro arranhando o chão. De uma ponta do corredor, um homem gritou algo. Marcus reconheceu-os imediatamente.

Correu pela porta e reconheceu o local, era absolutamente o mesmo, mas nunca o vira antes na vida real. Ele não entendia como era possível saber como era o local em sua mente sem nunca ter estado lá. Mas não era hora para ter discussões sobre o quão reais eram aquelas vidas que via. Agora ele estava vivendo uma delas.

Ouviu passos rápidos vindo do corredor, eles

ecoavam pelas paredes brancas e chegavam ao seu ouvido, era como se os seguranças estivessem logo atrás dele. Mas ainda possuía alguns segundos, o corredor era longo o suficiente. Quase bateu na lata de lixo em que seu outro eu batera, e até mesmo olhou para a frente para ver se ele mesmo não se encarava do lugar onde antes estivera. Mas apenas não batera porque diminuía a velocidade ali.

Algo que o seu falso não sabia, o caminho que levava a uma outra rua. Continuava completamente escuro. Marcus jogou-se e foi engolido pelas sombras, agachou-se escurado numa parede e abraçou seus joelhos sem nem mesmo se atrever a respirar.

Os homens que lhe perseguiam passaram por ele correndo com seus bastões nas mãos. Por um milésimo de segundo, a faísca que saiu do bastão do que estava mais próximo precariamente iluminou o beco em que Marcus se escondia, mas eles passaram demasiadamente rápidos para perceber o homem que ali se encontrava.

Aguardou mais alguns segundos e levantou-se sem olhar para trás. Seguiu pelo beco até o outro lado e pôs o pé na calçada bonita e iluminada por postes de luz.